

# THEATRO DOS RECREIOS

A FESTA ARTISTICA DE AUGUSTO MELLO



A *Nitouche* representa um verdadeiro triumpho para toda a companhia dos Recreios, mais um punhado de bagas de loiro para a corôa de Joaquim d'Almeida, mais um punhado de folhas da mesma planta para a corôa de Augusto Mello, como actor e como ensaiador, e mais um punhado de bagas e folhas para a corôa de Lucinda do Carmo, a gentilissima interprete da *Nitouche*.  
 E um gaudío para o publico, e uma pandega para a empreza e uma entalação para o camaroteiro, que já não sabe aonde desencantar logares para servir todas as pretensões.

## O ADIVINHO CUMBERLAND

O nome do *adivinho* Cumberland anda por ahí em todas as beccas.

E desejamos-lhe, entre parenthesis, que a sua celebridade não vá mais longe, passando das boccas para as guellas e seguindo depois toda essa mysteriosa trajectoria de mutações que vac atravessando n'este momento o bife do assem que nos deram ao almoço...

E, entretanto, os trabalhos aparentemente prodigiosos d'esse pseudo-adivinho, que está causando o pasmo de Lisboa depois de ter feito o assombro do estrangeiro, são tudò o que ha de mais facil, de mais simples, de menos sobrenatural!

O leitor, se isso lhe der gosto, pode immediatamente ir, pela simples leitura da nossa chronica: pôde ir, sem outro dispendio além dos tres vintens que o nosso jornal lhe custa; pôde ir, sem necessidade de conversar com as bruxas á meia noite; pôde ir, enfim, assombrar a familia, o resto da humanidade e as pessoas das suas relações com trabalhos em tudo semelhantes aquelles executados pelo adivinho Cumberland!

Relacionemos aqui alguns d'esses trabalhos na apparencia prodigiosos e expliquemos em tres pennadas como facilmente se executam.

Temos nós, por exemplo, aquella *sorte* de adivinhar o numero de uma nota de banco, sorte que ainda antehontem em S. Carlos provocou uns entusiasmos tão ruidosos.

Pois não ha nada de mais facil!

O sr. Cumberland, assim que chega a qualquer paiz, trata logo de arrebanhar todas as notas de banco que andem emittidas, excepto uma, que deixa ficar na circulação.

Em seguida examina os numeros das suas notas e, decorando o numero da que lhe falta e que deve ser forçosamente a que hão de apresentar-lhe, pronuncia-o no momento solemne—e assim ficam todos embarrilados!

Já veem que não ha nada de mais facil...

Temos mais, a *sorte* de descobrir em que sitio do corpo qualquer dos assistentes tenha uma dôr.

Pois não ha nada de mais simples!

O sr. Cumberland começa tateando todo o corpo da pessoa queixosa, ao principio docemente, depois com mais força e por fim apertando, como quem espreme a mão para fabricar um refresco.

Em chegando ao ponto dorido o paciente grita logo —*ui!* e assim se descobre a dôr.

Ora digam se não é mais simples de que descobrir onde está o gato...

Descobrir qual seja a senhora em que pensa um cavalheiro como a mais formosa das presentes, está-se mettendo pelos olhos que não vale uma pitada de tabaco—com perdão do sr. ministro da fazenda.

O sr. Cumberland conduz o cavalheiro ao pé d'uma senhora qualquer que tenha um palminho de cara rasoavel—e só se o cavalheiro em questão fór uma refinadissima cavalgadura será capaz de dizer que não era em tal senhora que tinha posto o pensamento.

Tratando-se de descobrir qual é a creatura mais horrenda em que pensa o mesmo cavalheiro, o *adivinho* não tem mais de que levar esse cavalheiro ao pé da respectiva sogra.

produzir o que fizerem na sala alguns espectadores na ausencia do *adivinho*, que se retira para outra sala, convenientemente vigiado por duas pessoas de confiança.

Esta *sorte* é effectivamente a menos facil, por isso que requer da parte do adivinho uma tal ou qual observação; de resto não vale dois caracoos.

Durante a primeira parte do espectáculo o sr. Cumberland observa disfarçadamente a corrente de sympathia existente entre duas pessoas quaesquer—e que naturalmente se manifesta por olhadellas mutuas e piscadellas d'olho surrateiras.

Chegado o momento da sorte, o sr. Cumberland vac buscar para que o vigiem essas duas pessoas, que podem ser, por exemplo, o sr. conde de Raillac e o sr. Marianno de Carvalho.

Installando-se com estes dois cavalheiros na sala contigua á dos espectaculos, o adivinho affasta-se d'elles assim como quem não quer a coisa; e os dois vigias, que estavam fervendo em pulgas por se encontrarem um momento a sós sem causarem suspeitas a pessoa alguma, aproveitam logo o ensejo para dois de dinhos de conversa...

—E então, meu anjo?... pergunta o sr. conde de Raillac, no tom supplicante dos D. Juans que pediram as namoradas coisas do arco da velha.

—Então... estamos futricados! respondeu o sr. Marianno, n'aquella perfumaria de phrase que todos lhe conhecemos.

—Fu... futricados! repete o sr. de Raillac com a voz muito tremida; mas tu prometteste que no dia 1 de março a coisa iria para diante...

—Pois sim; mas pilharam-nos a fallar á cancella, a visinhança deu com a lingua nos dentes e eu... (calle, chorando, nos braços) estou deshonrada!

—Eu repararei, amor, eu repararei dando-te a mão... quero dizer, a luva de esposo—porque a cerimonia mette *luvas*, está bem de ver...

N'este momento o sr. Cumberland tosses ruidosamente para chamar a attenção dos dois vigias, que já nem d'elle se lembravam, e vem para a sala repetir com todo o rigor a scena que se passára, emquanto os vigias conversavam ao cantinho e elle espreitava pelo buraco da fechadura!

Concluimos ensinando ao leitor alguns processos de nossa invenção, mediante os quaes qualquer pôde facilmente ser adivinho.

Eil-os:

### ADIVINHAR EM QUE PENSA UMA COCOTE

Co'uma dama, em *fins de maio*,  
Topas, leitor, n'essa rua;  
Deita-te o olhar de soslaio,  
Como quem diz:—Serci tua...

É nova, é gentil, é bella,  
O seu amor faz-te arranjo...  
—N'essa noite, em casa d'ella,  
Já lhe segredas:—Meu anjo...

E o anjo, branco de arminho,  
Cede logo... abre-te as asas...  
—Em que pensa o casto anjinho?  
—Pensa na renda das casas...

A *sorte* que produz mais sensação é aquella de re-

ADIVINHAR O QUE PENSAM DOIS  
NAMORADOS

Na Avenida, que o sol doira,  
Macho e fema dão-se o braço :  
Ella esvelta, branca e loira :  
Elle um rapaz perfeitoço.

Vão seguindo, fema e macho,  
Serenos, graves, tranquilllos,  
Fallando baixo, tão baixo,  
Que só Deus consegue ouvil-os...

Sentam-se pouco depois,  
Chegados... muito chegados...  
—Em que estão pensando os dois ?  
—N'uma cama de casados...

ADIVINHAR O QUE QUALQUER COMEU  
AO JANTAR

Uma velha vem sentar-se  
No theatro ao lado teu :  
Tosse ás vezes por disfarce,  
Cospe, arrota—o que sei eu !

Junto á velha, carrancudo  
E em movimentos febris,  
Tu, leitor, muito a meudo,  
Levas o lenço ao nariz...

Não precisas matutar  
P'ra adivinho ser's em barda...  
—Que comeu ella ao jantar ?  
—Feijão com couve lombarda...

PAN-TARANTULA

## ENYGMA A PREMIO

K

K

## POR AHI...

Os jornaes da opposição andam por ahí a blasonar de que foi devido a elles, de que foi devido á berrata por elles levantada que se malogrou o pagamento do emprestimo de D. Miguel.

Basolia sem confeição!

O pagamento ia realizar-se por uma força se não fôra a intervenção pessoal, duplamente pessoal de D. Pedro iv — que Deus Haja.

Foi assim que se passou o caso :

O sr. ministro da fazenda compromettera-se effectivamente a realizar o pagamento do emprestimo no dia 1 de março.

E, como as arcas do thesoiro, depois de muito bem escorropichadas não deitassem cá para fóra nem um cheirinho de cinco réis partidos ao meio, resolveu s. ex.<sup>a</sup> resuscitar o pataco, fazendo o pagamento n'esse genero de moeda — para o que mandaria fundir o sr. D. Pedro iv do Rocio de Lisboa, juntamente com o seu homonymo da Praça Nova do Porto.

O expediente era muito bem imaginado e tinha a dupla vantagem de satisfazer os portadores dos titulos tanto na sua ambição de agiotas como na sua vaidade de miguelistas...

Mas um pardal de telhado, que ouvira as combinações do sr. ministro da fazenda com o sr. conde de Baillac—ha cada pardal besbelhoteiro por esses telhados de Christo!—foi metter tudo no bico do sr. D. Pedro do Rocio, indo em seguida, no *sleping-car* d'essa mesma noite, fazer igual procza ao bico do sr. D. Pedro da Praça Nova!

Assim que os srs. D.D. Pedros de bronze de Lisboa e Porto souberam da sorte que lhes estava reservada, soltaram em côro um d'aquelles prrrotestos enerrgicos, vigórrrosos e herroicos só prrroprrrrios da

lingua porrrrtugueza e do brrronze que nos causa horror...

E, descendo immediatamente dos respectivos pedestaes, marcharam ao encontro um do outro, reunindo-se na estação do Entroncamento, onde, depois de uma explosão de affecto—aliás naturalissima entre cavalheiros tão intinos e que nunca se tinham visto mais gordos—tomaram a canja do estylo, seguindo depois para a capital, devidamente constituídos em commissão e dispostos a apresentar o seu protesto ao sr. ministro da fazenda, ao qual procuraram sem detença.

O sr. Marianno de Carvalho, a quem o criado foi dizer que estavam ali dois sujeitos muito sujos e muito cheios de nodos verdes, imaginando, pela descripção, que se tratava de dois galopins da freguezia das Mercês, fel-os immediatamente entrar, correndo ao seu encontro com o sorriso e a solicitude reservados para cavalheiros de tão finas habilidades...

Imagine-se a cara do sr. Marianno, ao dar de cara com aquellas caras de poucos amigos!

—A que devo a honra... titubiou s. ex.<sup>a</sup>, a tremor como varas ainda mais verdes de que o verdete dos seus interlocutores.

E o D. Pedro de Lisboa exclamou

—Queres-nos fundir!

E o outro corroborou :

—Queres-nos fundir!

E um e outro berraram em côro

—Quer's-nos fundir ? pois não fundes !

E, se teimar's verás, cru,

Que terror não nos infundes

E o fundido serás tu !

# A VERDADEIRA SOLUÇÃO DO ASSUMPTO



Por um desarranjo inesperado da machina grafica sahiram fóra dos seus logares os diversos membros das figuras de que se compõe esta estampa. O leitor que tenha paciencia de recortar esses membros e collocar-nos nos respectivos logares, e verá que esta é a mais primorosa estampa que já nos temos publicado.

O sr. Marianno, vendo o caso mal parado, riscou um passo á rectaguarda, rapando immediatamente da sua navalha de ponta e mola.

—Não te chegues, ó Pimenta! intimou elle para os recém-vindos. Olha que esta já atravessou a barriga do sr. teu neto, ainda vivo, e não lhe custará por isso muito romper também o bandulho do avô, depois de morto...

O sr. D. Pedro, apesar de estar em maioria, ganhou medo e resolveu mudar de tactica levando o sr. ministro pelo sentimentalismo; e assim lhe fallou em verso:

—Oh! tu! que tens d'humano o gesto e o peito,  
—Se bem que por faiante te destingas—  
Vira p'rá lá a naïfa e põe-te a geito  
De attender este bronzeo choramingas!

O teu plano—não disfarço!—  
De rancor faz-me dar arros!  
Pagar o emprestimo em março,  
—Mez da tosquia dos burros!!!

Nota, porém—desgraçado!—  
Que, vingando um plano tal,  
Fica em março tosquiado.  
O partido liberal!!!...

E o D. Pedro por partidas dobradas, sacando d'um trombone e d'um bumbo, de que providentemente se fornecera, desatou a roncar e a zabubar o hymno da Carta com o heroismo de phylarmonica da provincia á entrada do cavalleiro em toirada de Salvaterra!

E o sr. Marianno, commovido até á lagrima, jurou sobre os *titulos falsos* da operação bem combinada não pagar jamais os titulos verdadeiros d'esta operação ainda mais bem combinada.

O *Diario do Governo* de hontem publica o decreto agraciando o *Diario de Noticias* com a carta de conselho, em justo galardão d'aquella folha haver suprimido os seus *conselhos diarios*. Parabens.

No mesmo numero da *Folha official* vem uma rectificação declarando não ter sido o sr. Mendonça e Costa feito cavalleiro de Christo. Christo é que foi feito cavalleiro do sr. Mendonça e Costa. Folgamos.

As manas Reos, resolveram adquirir no *water-proof* da rua Augusta a unica peça de vestuario que lhe faltava para complemento da sua *foilette masculina*...

Entre marido e mulher:

*Elle*:—Est'anno na Trindade  
Vou fazer estardalhaço,  
Enredar meia cidade  
Co' o meu fato de palhaço!

*Ella*:—E' de riso pasmoso!  
Se em palhaço te encapotas:  
Tu, que velho e desgeitoso,  
Nem sequer das cambalhotas!

PAN-TARANTULA

## NOTICIAS DIVERSAS



Diz em phrase lastimosa  
Um jornal de Celorico  
Que o doutor Freitas Barboza  
Hontem quebrou um pé...



Perdia-se hoje na barra  
O palhabote *Fernando*,  
Do commando  
Do capitão Gil Lacerda,  
Se um francez que vinha a bordo,  
Não gritasse com aprumo,  
Ao barco indicando o rumo:  
—A' la mer...



N'um theatro ao Campo Grande,  
Com successo extr'ordinario,  
Representou-se a *Mascotte*  
O successo foi tão grande,  
Que actor's, publico, empregario  
Tudo pedia bis...



O barão de Canajó,  
Transpondo a porta da sala:  
—Minha mulher não está cá?...  
—'stá cá... por isso não falla.

—stando cá... não se percebe...  
Explica-te!—ordeno! mando...  
—Se a senhora não recebe  
E' mesmo por 'star ca...

PAN-TARANTULA.



## CASOS, TYPOS E COSTUMES

## O TORCATO

P'ra se fazer uma ideia  
Do pequenito Torcato,  
Não basta fazer ideia  
— É mister ver-lhe o retrato.



Doce encanto do papá,  
Meigo enlevo da mamã,  
Faz burro velho — e até já  
Sabe pedir han... han... han...



Já tem dois dentinhos novos.  
Com que ao almoço trabalha,  
A comer assorda d'ovos  
Como um burro come palha...



— Que criancinha tão terna!  
Exclama o pae, diz a mãe,  
Ao vel-o sobre uma perna  
Do Soisa, a fazer tem-tem.



Mas n'isto o Sousa, figeiro,  
Atira-o fóra d'um gesto...  
Porque o Torcato brejeiro  
Não fez tem-tem... fez o resto...

A atenuar-lhe essas culpas.  
Só de bébés porcalhões,  
O pae desfaz-se em desculpas.  
A mãe desfaz-se em perdões.



— Tudo afinal se desfaz...  
Co'os seus botões pensa o Soisa...  
Até o proprio rapaz  
Se desfaz... mas n'outra coisa...

PAN-TARANTULA



M. Augusto Bordallo Pinheiro

## STUAR CUMBERLAND



As experiencias do *adivinho* Cumberland são bastante conhecidas para que d'ellas façamos menção escripta, limitando-nos por isso a fazel-a desenhada.

O nosso collega Manoel Gustavo teve a honra e o prazer de ser chamado pelo *adivinho* a fazer uma experiencia semelhante á que o sr. Cumberland fizera em tempo com o principe de Galles.

O nosso collega deve estar muito cheio de si, porque se mostrou n'aquella experiencia, guiado pelo sr. Cumberland, um perfeito principe de Galles—até na imperfeição do desenho.